

CARLOS RUIZ
ZAFÓN

MARINA

Tradução
MARIA DO CARMO ABREU

10.^a edição

 Planeta

Amigo leitor

Sempre acreditei que todo o escritor, admita-o ou não, tem entre os seus livros alguns como favoritos. Essa predileção é raro ter a ver com o valor literário intrínseco da obra ou com o acolhimento que ao aparecer lhe dispensaram os leitores ou com a fortuna ou penúria que lhe tenha proporcionado a sua publicação. Por qualquer estranha razão, sentimo-nos mais próximos de algumas das nossas criaturas sem sabermos explicar muito bem o porquê. De todos os livros que publiquei desde que comecei neste estranho ofício de romancista, lá por 1992, *Marina* é um dos meus favoritos. Escrevi o romance em Los Angeles, entre 1996 e 1997. Tinha nessa altura quase trinta e três anos e começava a suspeitar que aquilo que um abençoado qualquer chamou a primeira juventude me estava a escapar das mãos à velocidade de cruzeiro. Publicara anteriormente três romances para jovens e pouco depois de embarcar na composição de *Marina* tive a certeza de que esta seria a última do género que

escreveria. À medida que avançava na escrita, tudo naquela história começou a ter sabor a despedida e, quando a terminei, tive a impressão de que qualquer coisa dentro de mim, qualquer coisa que ainda hoje não sei muito bem o que era, mas de que sinto falta dia a dia, ficou ali para sempre.

Marina é possivelmente o mais indefinível e difícil de catalogar de todos os romances que escrevi, e talvez o mais pessoal. Ironicamente, a sua publicação foi a que mais dis-sabores me provocou. O romance sobreviveu a dez anos de edições péssimas e com frequência fraudulentas, que em algumas ocasiões, sem que eu pudesse fazer grande coisa para o evitar, confundiram muitos leitores ao apresentar o romance como o que não era. E, mesmo assim, leitores de todas as idades e condições sociais continuam a descobrir algo nas suas páginas e a aceder a essa água-furtada da alma de que nos fala o seu narrador, Óscar.

Marina regressa por fim a casa, e o relato que Óscar terminou por ela podem descobri-lo agora os leitores, pela primeira vez, nas condições que o seu autor sempre desejou. Talvez agora, com a sua ajuda, eu seja capaz de entender por que razão este romance continua a estar tão presente na minha memória como no dia em que o acabei de escrever, e saiba recordar, como diria Marina, o que nunca sucedeu.

Barcelona, junho de 2008

C. R. Z.

MARINA



arina disse-me uma vez que apenas recordamos o que nunca aconteceu. Passaria uma eternidade antes que compreendesse aquelas palavras. Mas mais vale começar pelo princípio, que neste caso é o fim.

Em maio de 1980 desapareci do mundo durante uma semana. No espaço de sete dias e sete noites, ninguém soube do meu paradeiro. Amigos, companheiros, professores e até a polícia lançaram-se na busca daquele fugitivo que alguns já julgavam morto ou perdido por ruas de má fama como num lapso de amnésia.

Uma semana mais tarde, um polícia à paisana julgou reconhecer aquele rapaz; a descrição condizia. O suspeito vagueava pela Estação de Francia como uma alma perdida numa catedral forjada de ferro e nevoeiro. O agente aproximou-se de mim com ar de romance negro. Perguntou-me se o meu nome era Óscar Draí e se era eu o rapaz que desaparecera sem deixar rasto do internato onde estudava. Assenti sem descerrar os lábios. Recordo o reflexo da abóbada da estação no vidro dos seus óculos.

Sentámo-nos num banco do cais. O polícia acendeu um cigarro com calma. Deixou-o queimar sem o levar aos lábios. Disse-me que havia uma grande quantidade de pessoas à espera de me fazer muitas perguntas para as quais era conveniente que tivesse boas respostas. Assenti de novo. Olhou-me nos olhos, estudando-me. «Às vezes, contar a verdade não é uma boa ideia, Óscar», disse. Estendeu-me umas moedas e pediu-me que telefonasse ao meu tutor no internato. Assim fiz. O polícia esperou que tivesse feito a chamada. Depois, deu-me dinheiro para um táxi e desejou-me sorte. Perguntei-lhe como sabia que não ia desaparecer de novo. Observou-me longamente. «Só desaparecem as pessoas que têm algum lugar para onde ir», respondeu apenas. Acompanhou-me até à rua e ali se despediu, sem perguntar onde tinha estado. Vi-o afastar-se pelo Paseo Colón. O fumo do seu cigarro intacto seguia-o como um cão fiel.

Naquele dia, o fantasma de Gaudí esculpia no céu de Barcelona nuvens impossíveis sobre um azul que fundia o olhar. Apanhei um táxi até ao internato, onde supus que me esperaria o pelotão de fuzilamento.

Durante quatro semanas, professores e psicólogos escolares atormentaram-me para que revelasse o meu segredo. Menti e ofereci a cada um aquilo que queria ouvir ou o que podia aceitar. Com o tempo, todos se esforçaram por fingir que tinham esquecido aquele episódio. Segui o seu exemplo. Nunca expliquei a ninguém a verdade do que sucedera.

Não sabia então que o oceano do tempo mais tarde ou mais cedo nos devolve as recordações que nele enterramos.

Quinze anos mais tarde, a memória daquele dia voltou até mim. Vi aquele rapaz a vaguear por entre as brumas da Estação de Francia e o nome de Marina tornou-se de novo incandescente como uma ferida fresca.

Todos temos um segredo fechado à chave nas águas-furtadas da alma. Este é o meu.

Capítulo 1

o fim da década de 1970, Barcelona era uma miragem de avenidas e becos onde se podia viajar trinta ou quarenta anos para o passado com o simples ato de passar o umbral de uma portaria ou de um café. O tempo e a memória, história e ficção, fundiam-se naquela cidade feiticeira como aguarelas à chuva. Foi ali, no eco de ruas que já não existem, que catedrais e edifícios fugidos de fábulas criaram o cenário desta história.

Nessa altura eu era um rapaz de quinze anos que languescia entre as paredes de um internato com nome de santo na beira da estrada de Vallvidrera. Naqueles dias, o bairro de Sarriá conservava ainda o aspeto de pequena povoação fundada na margem de uma metrópole modernista. O meu colégio erguia-se no cimo de uma rua que trepava do Paseo de la Bonanova. A sua monumental fachada sugeria mais um castelo do que uma escola. A angulosa silhueta cor de argila era um quebra-cabeças de torreões, arcos e asas nas trevas.

O colégio estava rodeado por uma cidadela de jardins, fontes, lagos lodosos, pátios e pinhais encantados. Em torno

dele, edifícios sombrios albergavam piscinas veladas por vapor fantasmagórico, ginásios embruxados de silêncio e capelas tenebrosas, onde imagens de santos sorriam ao clarão das velas. O edifício tinha quatro andares, sem contar com as duas caves e um sótão de clausura, onde viviam os poucos sacerdotes que ainda trabalhavam como professores. Os quartos dos internos ficavam situados ao longo de corredores cavernosos no quarto andar. Estas intermináveis galerias jaziam em perpétua penumbra, sempre envolvidas num eco espectral.

Eu passava dias sonhando acordado nas aulas daquele imenso castelo, esperando o milagre que se verificava todos os dias às cinco e vinte da tarde. A essa hora mágica, o sol vestia de ouro líquido as altas janelas. Soava a campainha que anunciava o fim das aulas e os internos gozavam de quase três horas livres antes do jantar na grande sala de refeições. A ideia era que esse tempo devia ser dedicado ao estudo e à reflexão espiritual. Não me lembro de me ter entregado a nenhuma dessas nobres tarefas um único dia dos que ali passei.

Aquele era o meu momento favorito. Escapando ao controlo da portaria, partia a explorar a cidade. Habituei-me a regressar ao internato exatamente a tempo do jantar, vagueando por entre velhas ruas e avenidas enquanto anoitecia à minha volta. Naqueles longos passeios experimentava uma sensação de liberdade embriagadora. A minha imaginação voava sobre os edifícios e elevava-se ao céu. Durante umas horas, as ruas de Barcelona, o internato e o meu lúgubre quarto no último andar desapareciam. Durante umas

horas, apenas com algumas moedas no bolso, era o homem mais feliz do universo.

Com frequência, a minha rota levava-me pelo que então se chamava o deserto de Sarriá, que mais não era do que o âmagô de um bosque perdido em terra de ninguém. A maioria das antigas mansões senhoriais que na sua época tinham povoado o norte do Paseo de la Bonanova mantinha-se ainda em pé, mesmo que fossem apenas ruínas. As ruas que rodeavam o internato desenhavam uma cidade-fantasma. Muros cobertos de hera vedavam a passagem para jardins selvagens onde se erguiam monumentais residências. Palácios invadidos pelo mato e pelo abandono em que a memória parecia flutuar, como neblina que resiste a partir. Muitos desses casarões aguardavam a demolição e outros tinham sido saqueados durante anos. Alguns, no entanto, ainda estavam habitados.

Os seus ocupantes eram os membros esquecidos de estirpes arruinadas. Gente cujo nome aparecia escrito a quatro colunas no *La Vanguardia* quando os elétricos ainda provocavam o receio dos inventos modernos. Reféns do seu passado moribundo, que se negavam a abandonar as naves à deriva. Receavam que, se ousassem pôr os pés fora das mansões envelhecidas, os seus corpos se desfizessem em cinzas ao vento. Prisioneiros, definhavam à luz dos candelabros. Às vezes, quando passava em frente daqueles gradeamentos enferrujados em passo apressado, parecia-me sentir olhares desconfiados nas persianas sem pintura.

Uma tarde, no fim de setembro de 1979, decidi aventurar-me ao acaso numa daquelas avenidas semeadas de

palacetes modernistas em que não reparara até então. A rua descrevia uma curva que acabava num gradeamento igual a muitos outros. Do outro lado estendiam-se os restos de um velho jardim marcado por décadas de abandono. Por entre a vegetação notava-se o perfil de uma mansão de dois andares. A sua sombria fachada erguia-se por detrás de uma fonte com esculturas, que o tempo vestira de musgo.

Começava a escurecer e aquele lugar pareceu-me um tanto sinistro. Rodeado por um silêncio mortal, apenas a brisa sussurrava um aviso sem palavras. Compreendi que me metera numa das zonas «mortas» do bairro. Decidi que o melhor era voltar para trás pelo mesmo caminho e regressar ao internato. Debatia-me entre a fascinação mórbida por aquele lugar esquecido e o senso comum, quando notei dois brilhantes olhos amarelos fulgurando na penumbra, cravados em mim como adagas. Engoli em seco.

A pelagem cinzenta e aveludada de um gato recortava-se imóvel em frente do gradeamento do casarão. Um pequeno pardal agonizava entre as suas goelas. Um guizo prateado pendia do pescoço do felino. O seu olhar estudou-me durante uns segundos. Pouco depois, deu meia-volta e deslizou por entre as grades de metal. Vi-o perder-se na imensidão daquele éden maldito, levando o pardal na sua última viagem.

A visão daquela pequena fera ativa e desafiadora seduziu-me. A julgar pela lustrosa pelagem e pelo guizo, intuí que tinha dono. Talvez aquele edifício albergasse algo mais do que os fantasmas de uma Barcelona desaparecida. Aproximei-me e pousei as mãos nas grades da entrada. O metal estava frio. Os últimos clarões do crepúsculo iluminavam

o rasto que as gotas de sangue do pardal deixaram através daquela selva. Pérolas escarlates traçando a rota no labirinto. Engoli em seco outra vez. Melhor dizendo, tentei. Tinha a boca seca. O sangue, como se soubesse algo que eu ignorava, batia-me nas têmporas com força. Foi então que senti ceder a porta sob o meu peso e compreendi que estava aberta.

Quando dei o primeiro passo para o interior, a lua iluminava o rosto pálido dos anjos de pedra da fonte. Observavam-me. Ficara com os pés cravados no chão. Esperava que aqueles seres saltassem dos seus pedestais e se transformassem em demónios dotados de garras de lobo e línguas de serpente. Não aconteceu nada disso. Respirei profundamente, considerando a possibilidade de anular a minha imaginação ou, melhor ainda, abandonar a minha tímida exploração daquela propriedade. Uma vez mais, alguém decidiu por mim. Um som celestial invadiu as sombras do jardim como um perfume. Ouvi os contornos daquele sussurro cinzelar uma ária acompanhada ao piano. Era a voz mais bonita que jamais ouvira.

A melodia era-me familiar, mas não consegui reconhecê-la. A música provinha da mansão. Segui o seu rasto hipnótico. Lâminas de luz vaporosa filtravam-se pela porta entreaberta de uma galeria de vidro. Reconheci os olhos do gato, fixos em mim do parapeito de uma janela do primeiro andar. Aproximei-me da galeria iluminada de onde brotava aquele som indescritível. A voz de uma mulher. O clarão ténue de cem velas tremeluzia no interior. O brilho descobria a campânula dourada de um velho gramofone onde girava um disco. Sem pensar no que estava a fazer,

surpreendi-me a mim mesmo penetrando na galeria, cativado por aquela sereia guardada no gramofone. Na mesa sobre a qual estava pousado o aparelho distingui um objeto brilhante e redondo. Era um relógio de bolso. Peguei-lhe e examinei-o à luz das velas. Os ponteiros estavam parados e o mostrador rachado. Pareceu-me de ouro e tão velho como a casa em que me encontrava. Um pouco mais adiante havia uma grande poltrona, de costas para mim, em frente de um fogão de sala sobre o qual pude apreciar um retrato a óleo de uma mulher vestida de branco. Os seus grandes olhos cinzentos, tristes e sem fundo, presidiam à sala.

Subitamente, quebrou-se o feitiço. Uma silhueta ergueu-se da poltrona e voltou-se para mim. Uma longa cabeleira branca e uns olhos ardentes como brasas brilharam na obscuridade. Só consegui ver duas imensas mãos brancas estendendo-se para mim. Dominado pelo pânico, desatei a correr para a porta, no caminho esbarrei com o gramofone e derrubei-o. Ouvi a agulha lacerar o disco. A voz celestial quebrou-se com um gemido infernal. Lancei-me para o jardim, sentindo aquelas mãos roçando-me a camisa, e atravessei-o com asas nos pés e o medo a arder em cada poro do meu corpo. Não parei nem um instante. Corri e corri sem olhar para trás até que uma pontada de dor me apunhalou as costas e compreendi que mal podia respirar. Nessa altura estava coberto de suor frio e as luzes do internato brilhavam trinta metros à frente.

Deslizei por uma porta ao lado das cozinhas que nunca estava vigiada e arrastei-me até ao meu quarto. Os restantes internos já deviam estar no refeitório há um bocado. Limpei o suor da testa e, pouco a pouco, o meu coração recuperou

o ritmo habitual. Começava a acalmar-me quando alguém bateu à porta do quarto com os nós dos dedos.

– Óscar, são horas de descer para jantar – soou a voz de um dos tutores, um jesuíta racionalista chamado Seguí, que detestava ter de fazer de polícia.

– Vou já, padre – respondi. – Um segundo.

Apressei-me a vestir o casaco obrigatório e apaguei a luz do quarto. Através da janela, o espectro da Lua erguia-se sobre Barcelona. Só então me apercebi de que ainda segurava na mão o relógio de ouro.